País produz malhas mais finas e resistentes
Vanessa Barone

A modelagem do biquíni brasileiro continua a ser referência de bom gosto para o mundo. Mas é na matéria-prima que ele apresenta mais novidades. E entre elas está uma malha que, apesar de feita com o mesmo elastano e náilon que compõe os tecidos para roupa de banho, é muito mais fina. "As novas malhas têm 160 ou 170 gramas, contra os 230 gramas dos tecidos tradicionais de moda-praia", afirma Angelo Frigerio, coordenador de produto do grupo Rosset. "No Brasil, ainda persiste o mito de que a malha boa para biquíni e maiô é malha grossa, mas isso está mudando." Segundo Frigerio, a indústria de malharia e de fiação tem investido para desenvolver malhas que sejam finas, agradáveis de usar e mais duráveis. "Esse é um setor que está sempre evoluindo."

Essa evolução é atestada por outra malharia que é referência nesse setor: a tecelagem Santaconstancia. "Entre os produtos mais novos está a millemist, uma malha tipo exportação, desenvolvida com exclusividade para a marca Rosa Chá", diz Costanza Pascolato, diretora de desenvolvimento da Santaconstancia. "A millemist é mais leve e mais compacta, e permite a confecção de maiôs sem forro, como é comum no exterior."

Segundo Costanza, o mercado externo não está acostumado a utilizar malhas grossas, como as usadas pela maior parte das confecções nacionais. Esse tipo de malha vai bem para a confecção de biquínis tipicamente brasileiros, ou seja, pequenos. Mas para a fabricação de peças maiores e principalmente maiôs, a malha com menor espessura é a mais indicada. "Quem tem pretensão de exportar, acaba preferindo o tecido mais fino."

Outra aposta da Santaconstancia é o acquos, um tecido inteligente que não desbota, é resistente à radiação solar e ao cloro, além de possuir um aspecto visual brilhante e acetinado, parecendo um veludo. Segundo Costanza, o acquos não é feito de fio de elastano com náilon, como as malhas tradicionais para a moda praia. Ele é construído com fios de lastol XLA, uma fibra elástica de alta resistência, desenvolvida pela Dow Chemical Company e comercializada pela Dow Brasil. "O fio de lastol XLA se ajusta ao corpo, sem apertar demais", diz Costanza. "Somos uma das únicas tecelagens a utilizar o fio na América Latina." O acquos foi um dos tecidos utilizados na coleção da grife de moda-praia Triya.

A tecelagem Santaconstancia também cita o tecido XBio como outra inovação. Ele é feito com o mesmo fio de lastol XLA, mas tem na composição fios de poliamida amni biotech. A diferença para o acquos está na espessura - ainda mais fina - e na utilização: "O XBio é ideal para plissados e drapeados", diz Costanza. A Santaconstancia foi fundada em 1948 por Gabriella Pascolato. Em 1989, juntamente com o início da linha de tecidos tecnológicos para práticas esportivas, a tecelagem entrou no mercado de moda-praia lançando os tecidos lisos, estampados e jacquards.

Carolina Sister, diretora de marketing da Invista, também aponta novidades no fio de elastano da empresa, a lycra. Entre elas está o fio lycra XtraLife, que é três vezes mais durável do que o fio de lycra tradicional. "Ele foi criado pensando nos esportes aquáticos, porque resiste muito bem ao cloro", afirma Carolina. Para o verão 2009, a Invista também apresenta um tipo de tactel (o nome do fio de náilon produzido pela empresa) mais brilhante. "Esse tipo de tactel pode ser visto nas coleções das marcas Lenny e Cia Marítima." Outro lançamento da empresa são os tecidos com maior porcentagem de lycra na composição. "Normalmente, a malha para moda-praia usa 16% de lycra", diz Carolina. "Esses novos tecidos têm 22%." O resultado, segundo a executiva, é um biquíni ou maiô que ajuda a dar "um up na silhueta".

Isso porque, a maior porcentagem de lycra permite criar áreas de compressão na peça, o que ajuda a modelar o corpo.

A expectativa da Invista é fechar o ano com um desempenho parecido com o do ano passado. "O tempo fechado que tivemos até agora não tem ajudado nas vendas", diz a executiva. Por outro lado, a queda do dólar frente ao real pode impulsionar as exportações de moda-praia brasileira.

A Invista produz no Brasil os seus fios de náilon e elastano. A produção de lycra está concentrada em Paulínia, e a de tactel e do suplex é feita em Americana, ambas cidades situadas no interior do Estado de São Paulo.

E como a roupa de praia também segue as tendências da moda internacional, alguns aspectos encontrados no vestuário devem migrar para o figurino da beira mar. Angelo Frigerio, da tecelagem Rosset, cita o uso da renda, por exemplo, tanto nas saídas de praia quanto nos biquínis e maiôs. "A Prada colocou a renda na moda e isso também está chegando na roupa de praia", diz o executivo.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 11 nov. 2008, Especial O Valor da Moda, p. F1-F6.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais